

Mais Precioso Que Pérolas

MEL ELLIS

ESTOU sempre voltando lá para ver se as grandes ostras negras ainda se amontoam ao longo do leito barrento do sinuoso Rio Rock, na esperança de encontrar uma com uma pérola luminosa como a Lua. É algo que nunca termina, que lateja em mim como uma febre de ouro desde o dia em que, garoto de 10 anos, queimado de sol, apalpando com o

polegar ávido uma massa de carne e suco de ostra, toquei o primeiro nódulo duro de uma pérola e vi-a cintilando em tons de rosa-pálido, branco e azul-claro contra a luz do sol ardente.

Naquele instante, caí prisioneiro de uma promessa de riquezas como as que devem povoar os sonhos de todos os mineradores. Fiquei febril de ansiedade, e era capaz de com-

CONDENSADO DE WISCONSIN TRAILS (VERÃO DE 1971). © 1971 DE WISCONSIN TALES AND TRAILS, INC., 6120 UNIVERSITY AVE., MADISON, WIS. 53705

*Eram espantosamente lindas —
mas o seu verdadeiro valor
estava em tê-las perdido*



preender as visões que levavam mineradores a morrer atravessando desertos e montanhas em busca de tesouros.

Há 50 anos, apanhar ostras era um grande negócio — os sintéticos ainda não haviam substituído os botões de pérola feitos das conchas. Bandos itinerantes de mulheres desmazeladas, grosseiramente vestidas, e homens de macacão, andavam de rio em rio à cata da grande pérola, mas geralmente contentando-se com as pequeninas, vendidas para jóias de fantasia. Ganhavam com isso apenas o suficiente para o pão e o uísque; embora jamais o alcançassem, andavam em busca do arco-íris.

No começo, eu não sabia nada sobre pérolas nem sobre as pessoas que as pescavam. Certa noite, já deitado, ouvi um barulho estranho, ergui-me apoiado no braço, e, olhando pela janela, vi focos de lanternas percorrendo a clareira. Na manhã seguinte havia uma tenda erguida, e descobri que se tinham mudado para ali, durante a noite, uma mulher e dois homens, embora não imaginasse para quê, pois não tinham varas de pescar. Mantive-me só observando de longe durante todo o dia, e esperei até à noite para perguntar ao meu pai o que estariam fazendo.

«Devem estar catando pérolas», respondeu-me.

Pérolas! Pérolas no meu Rio Rock! Não dormi nessa noite. Na manhã seguinte, saí no meu botezinho atrás deles, levando as varas

de pesca bem à vista, para não perceberem que os espiava. Os homens andavam com água até ao peito, procurando ostras com os pés, mergulhando de vez em quando para recolhê-las. Quando tinham o barco cheio, remaram para terra e começaram a abri-las e a procurar as pérolas.

Guardei as minhas varas e meti-me por uma curva do rio, para não ser visto. E saí apanhando ostras. Quando já tinha um bom monte delas, remei de volta para casa, peguei uma faca e fui abri-las. Quanto mais força fazia mais as ostras se fechavam. Experimentei esmagá-las entre duas pedras. Assim abriam-se, mas a polpa esmagada e o suco espalhavam-se pelas minhas pernas nuas. Fiquei todo arranhado, machucado, os dedos cortados, e não encontrei uma única pérola.

Os homens não tinham a menor dificuldade em abrir as ostras, e, quando vi que estavam de novo debruçados sobre um monte delas, esgueirei-me através do mato e fui olhar. Vi logo como faziam — metendo a faca num ponto logo acima da articulação e girando-a de um lado para o outro. Bati em retirada e voltei para o meu próprio monte de ostras. Aí, sim, mal atingia o músculo, a ostra amolecia e eu podia abri-la sem dificuldade. Em seguida revistava cuidadosamente a carne.

Passei dias sem encontrar uma pérola que fosse. Finalmente, numa hora em que os homens haviam saído para o rio, enchi-me de coragem e

acerquei-me da mulher, que ficava no acampamento e cuidava da comida. Era gorda, calçava sapatos de homem sem meias e, sem me aproximar muito, pude sentir o cheiro do uísque barato. Estava sentada num toco de árvore, tomando café numa caneca de folha, e ficou algum tempo só olhando para mim. Preparava-me para virar costas e fugir, quando ela perguntou: «Que foi, garoto?»

Sua voz era tão estranhamente maravilhosa, profunda e gutural, que me fez parar. Embora tivesse dito apenas três palavras, percebi instantaneamente que se sentia triste e só. Fitei-a durante muito tempo, e, quando dei por isso, murmurei, para disfarçar: «Posso fazer-lhe umas perguntas?»

Ela deu um risinho, e o som do seu riso era tão calmo como o da voz.

«Pode, claro que pode», disse ela. «Não sou obrigada a responder se não quiser.»

Expliquei-lhe então que gostaria de aprender a procurar pérolas, que sabia abrir as ostras, mas não sabia como examinar a carne, a não ser deitando-a num balde e apalpando-a toda.

A mulher levantou-se e foi até um monte de ostras abertas. Um ciclone de moscas se ergueu quando ela se abaixou para apanhar uma. Voltou para junto de mim e mandou-me prestar atenção enquanto ela corria os polegares ao longo dos lados da concha, sob a carne, até aos pontos onde as pérolas, quando

existem, costumam estar. Expliquei-me que a gente sentia as pérolas antes de vê-las, e que era melhor até fechar os olhos enquanto se apalpava sob a carne, para nos concentrarmos no sentido do tato.

«Quando você sentir uma, saberá o que é», acrescentou. «Pegue-a então entre o polegar e o indicador e coloque-a sob o lábio superior. Depois de limpá-la bem na boca, cuspa-a dentro de um vidrinho.»

Parou de falar. Passados momentos, atrevi-me a olhá-la e a perguntar: «É só isso?»

Com um movimento brusco, ela despejou a caneca, espalhando borras de café no capim. Ficou olhando o fundo da caneca, como se houvesse ali uma pérola, e depois disse: «É só isso. Você não precisa mais nada.» Levantou-se pesadamente e suspirou.

«Obrigado», agradei, e dei as costas para me afastar.

Pelo canto do olho, vi-a voltar-se de novo para mim. Levou a mão ao rosto e disse, muito serena: «Não me agradeça, menino. Isto não é vida, acredite. Esqueça as pérolas. Vai morrer de fome tentando encontrá-las.»

NO DIA SEGUINTE, senti o primeiro nódulo sob o polegar e trouxe à luz a minha primeira perolazinha. Era bem pequenina, e, embora não fosse completamente redonda, a sua cor deixou-me sem fôlego. Apressei-me a metê-la na boca, chupei até limpá-la e cuspi-a num frasquinho de remédio. Brilhava

como um raio de sol aprisionado! Nesse dia achei outras duas pérolas pequenas, e até a minha família ficou entusiasmada com a minha descoberta. Ficamos à volta do lampião de querosene até muito depois da hora de me deitar, admirando as pérolas e falando delas.

Depois disso, deixou de haver tempo para mais nada. Buck, o meu cachorro, andava abatido e triste, porque eu não tinha tempo para caçar nem andar com ele, e os pescadores que me viam procurar com os pés ostras no leito do rio perguntavam-se que andaria tramando aquele garoto maluquinho. Andava com grandes olheiras, por me levantar muito cedo e ficar abrindo ostras muito tempo depois de os mosquitos terem reclamado a noite como sua.

Mas, quando calcei sapatos de novo e voltei para a escola, tinha um cálice cheio das mais belas pérolas que uma pessoa pode sonhar. Nenhuma era redonda o bastante para valer muito, eu sabia, mas isso não tinha a menor importância, porque eu não queria mesmo vendê-las.

Até que chegou o dia em que fui à casa ao lado mostrar as pérolas ao novo hóspede da minha avó. Espalhara-as sobre a mesa de jogo, quando Buck irrompeu correndo pela sala e virou a mesa. As pérolas caíram e rolaram todas pela saída de ar quente da fornalha da minha avó.

Quase morri. Às vezes, ainda penso que uma parte de mim morreu mesmo naquela hora. Enfrentei o calor insuportável e remexi as cinzas e a fuligem que se tinha acumulado durante anos na velha fornalha, mas não encontrei uma única das minhas preciosas pérolas. Todo o meu verão estava perdido.

Mas agora, recordando, compreendo que não foi um verão perdido. Hoje sei que o verdadeiro valor não estava nas pérolas, mas no sonho. Jamais voltei a ter sonhos tão grandiosos, em todos estes anos, tampouco voltei a envolver-me numa aventura de forma tão absorvente e determinada. Ao perder as pérolas, aprendi a mais cruel de todas as lições: tudo na vida passa, só os sonhos perduram.



Os LEITORES do *Times*, o austero jornal londrino, ficaram um tanto chocados, recentemente, com um anúncio de página inteira de um fabricante de fertilizantes químicos ilustrado por uma garota inteiramente nua. No dia seguinte, o *Times* publicava sete cartas de fiéis leitores que costumam escrever sempre, a maioria criticando, lamentando a queda de um dos últimos redutos do decoro na Inglaterra. Mas houve um assinante do jornal, de Buckinghamshire, que escreveu: «Faço votos de que esta foto maravilhosa tenha sobre a circulação do *Times* o mesmo efeito estimulante que teve sobre a minha.»

— *Star*, de Montreal